

DESCASO COM O PATRIMÔNIO

Prédio do MAB é reformado superficialmente para abrigar mostra de decoração. Problemas estruturais continuam

Maquiagem da Casa Cor

Ceder o prédio do MAB para a Casa Cor foi uma das soluções encontradas pela Secretaria de Cultura para engatilhar um processo de revitalização. O espaço, dividido em 30 ambientes planejados por arquitetos e decoradores, passou

por uma pequena reforma. Mas a iniciativa ainda está longe de resolver as falhas estruturais do prédio. Terminado o evento, o museu será devolvido à população com pintura nova, piso de porcelanato, banheiros impecáveis, jardim revitalizado, caixa d'água e integração ao sistema

de esgoto. E também com o mesmo subsolo que sempre teve, repleto de problemas de infiltração, além da fachada intocada, com as janelas transparentes tão luminosas quanto antes.

“Refizemos toda a instalação hidráulica e a fiação elétrica. Mas no subsolo não mexemos”,

explica Catharina Bastos, organizadora da Casa Cor. “E o que vai ficar é o que a secretaria determinar. Eles também vão decidir quais as cores em que o prédio deve ser pintado”, continua, lembrando que a aquisição do material para realização do evento veio de parcerias com a iniciativa privada. “O governo não investiu um centavo”, garante Catharina.

Certamente, o museu volta para as mãos da Secretaria de

Cultura com um aspecto externo melhorado. A maquiagem, no entanto, não deve ser confundida com reforma. “A Casa Cor fez só uma maquiagem. Não resolve absolutamente nada. Vai lembrar às pessoas que existe um museu, mas em nível técnico e operacional não resolve. É como um cenário, a casquinha do ovo”, avisa a arquiteta Márcia Bizzi.

Uma volta no subsolo do prédio do MAB, transformado em escritório do evento, pode ser

assustadora quando se pensa que ali ficará guardada uma coleção de obras estimada em oito milhões de dólares. Sombrio, úmido e sem circulação de ar, o local que deveria abrigar sala da reserva técnica, auditório e oficinas de restauro ainda é a velha cozinha do restaurante do Brasília Palace.

Enquanto isso, os brasilienses continuam privados de apreciar obras representativas das artes plásticas brasileiras.